

Biodiversidade dos Campos de Cima da Serra

Georgina Bond Backup
Organização

Libretos

Porto Alegre, 2010

2ª edição



Autores

Georgina Bond-Buckup

Ludwig Buckup

Cláudia Dreier

FLORA

Ilsi Iob Boldrini (coord.)

Hilda Maria Longhi Wagner

Lilian Eggers

INVERTEBRADOS AQUÁTICOS

Adriano S. Melo (coord.)

Georgina Bond-Buckup

Ludwig Buckup

Daniela da Silva Castiglioni

Alessandra Angélica de Pádua Bueno

ÁRTROPODOS TERRESTRES

Jocélia Grazia (coord.)

Helena Piccoli Romanowski

Paula Beatriz de Araújo

Cristiano Feldens Schwertner

Cristiano Agra Iserhard

Luciano de Azevedo Moura

Viviane G. Ferro

PEIXES

Luiz Roberto Malabarba (coord.)

Juan Andres Anza

Cristina Luísa Conceição de Oliveira

RÉPTEIS

Laura Verrastro (coord.)

Martin Schossler

ANFÍBIOS

Patrick Colombo (coord.)

Caroline Zank

AVES

Carla Suertegaray Fontana (coord.)

Márcio Reppenning

Cristiano Eidt Rovedder

Mariana Lopes Gonçalves

MAMÍFEROS

Thales O. de Freitas (coord.)

José Francisco Bonini Stolz

Edição Geral

Georgina Bond-Buckup

Adaptação de texto

Cláudia Dreier

Design Gráfico/Editoração

Cláudia Dreier

Capas

Cló Barcellos

Foto de capa

Ludwig Buckup (São José dos Ausentes)

Ilustrações

Vivian Dall Alba

Tratamento de fotos

Carina Prina Carlan

Image Design

Cartografia

Heinrich Hasenack (coord.)

Lúcio Mauro de Lima Lucatelli

B615 Biodiversidade dos campos de Cima da Serra/
2ª. ed. organização de Georgina Bond-Buckup. --
Porto Alegre : Libretos, 2010.
196 p. : il.

1. Biodiversidade 2. Cima da Serra I. Título

ISBN 978-85-88412-17-0
CDU 502.7

Ficha catalográfica elaborada por Rosalia Pomar Camargo
CRB 856/10

Libretos

Rua Pery Machado 222B/707 – Bairro Menino Deus

Cep 90130-130 – Porto Alegre/RS

www.libretos.com.br

libretos@terra.com.br

**Projeto Biodiversidade dos Campos de Cima da Serra,
RS e SC: popularizando o conhecimento**

Financiamento: MCT/CNPq

Participantes: UFRGS – PUCRS – IGRÉ

Contatos: UFRGS, Instituto de Biociências

Av. Bento Gonçalves, 9500, Campus do Vale,

prédio 43435, salas 214/217 – Cep 91501-970

Porto Alegre/RS

E-mail: ccs.biodiversidade@yahoo.com.br



3.4 Rios

Águas frias e cristalinas

Um rio pode ser visto sob vários olhares que podem preservá-lo ou ameaçar a vida das suas águas. Remansos cristalinos saciam a sede e revigoram em dias quentes. Muitas populações ribeirinhas dependem das águas para seu sustento. Processos naturais de transformação de energia e ciclagem de nutrientes acontecem nos rios que apresentam modificações nas suas características ao longo de distintas paisagens por onde passa.

Nas áreas elevadas da paisagem, as águas subterrâneas vêm à superfície como olhos d'água que levam a água para um canal maior originando as nascentes. A partir de então, um rio sempre vai correr para um nível mais baixo, geralmente atingindo o oceano. Durante seu percurso, das nascentes até a foz, o rio vai modificando as suas características físicas assim como altera-se a biota aquática, composta por vegetais e animais.

Nas nascentes, o rio é estreito apresentando águas velozes capazes de deslocar rochas de grande porte. Em seu curso intermediário, o terreno torna-se menos íngreme, fazendo com que diminua a velocidade da água. À medida em que o rio aproxima-se da foz, torna-se mais largo e a velocidade de suas águas diminui.

Rio da Divisa,
tributário do rio Pelotas.
Foto: Ludwig Buckup

Perfil de rio sem mata ciliar



A fauna aquática das cabeceiras está adaptada às condições físicas e químicas do ambiente, como a velocidade da água, a temperatura mais baixa, a boa oxigenação e os poucos nutrientes ali encontrados. À medida em que o rio avança no seu curso, diminui a velocidade da água, aumenta o material depositado e a temperatura. Nessas novas condições do ambiente aquático, a biota anterior será substituída por outra.

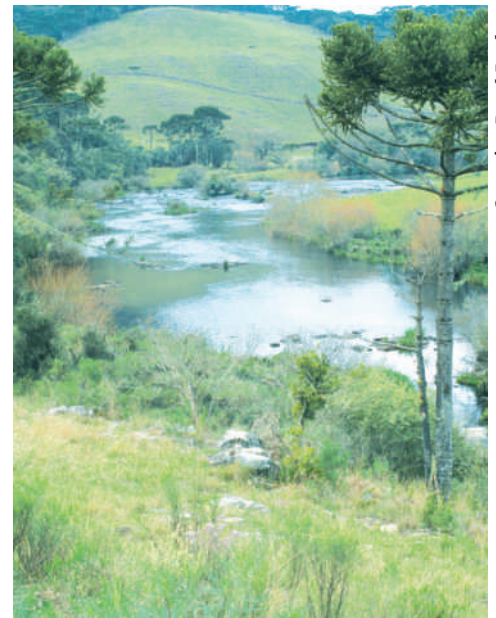
Alterações antrópicas nos ecossistemas aquáticos modificam as suas estruturas e processos, interferindo de modo diferenciado na capacidade de sobrevivência das espécies da comunidade. Entre os macroinvertebrados bentônicos, há espécies mais tolerantes à poluição e variação da temperatura. O caranguejo-de-água-doce, por exemplo, cujo nome em grego *aegla* significa “guardião das nascentes”, geralmente não ocorre em águas alteradas pela poluição.

Rios da Região

A Região abriga as nascentes de duas importantes bacias hidrográficas, do Uruguai e do Jacuí. Devido à declividade do relevo, tanto os tributários do Jacuí, com as nascentes do rio Taquari-Antas e do rio Caí, quanto os do Uruguai, com as nascentes do rio Pelotas e rio Canoas, podem ser caracterizadas por regimes torrenciais, que apresentam escoamentos superficiais rápidos e bruscas variações do nível da água no leito.¹⁶

Na Região, existem muitos rios típicos de montanha com corredeiras e alguns remansos. Diversos materiais formam os leitos dos rios, com alguns locais com pedras ou seixos soltos e em outros lajes de basalto contínuas.

Os perfis desenhados nessas páginas mostram cursos d'água com diferentes vegetações em suas margens. A maioria dos rios da Região não possuem mata ciliar acompanhando seu curso, apresentando uma vegetação rasteira e arbustiva que chega até a margem. Outros rios correm em meio à Mata com Araucária revelando uma diversidade muito grande de vegetação e uma beleza cênica ímpar.



Georgina Bond-Buckup

Nascente do Silveira, afluente do rio Pelotas.

Perfil de rio com mata ciliar

